

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição: filosofia
- b) Modalidade de pesquisa: qualitativo fenomenológica
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:
 - Área: constituição da pessoa
 - Tema/modalidade de pesquisa: qualitativo fenomenológica

A CONCEPÇÃO DE COMUNIDADE EM EDITH STEIN

Anderson Afonso da Silva

anderafonso2@gmail.com

Resumo

Neste estudo buscamos compreender a concepção de comunidade apresentada por Edith Stein em sua obra: *Psicologia e Scienze dello Spirito*. Percorremos o caminho investigativo fenomenológico exposto pela autora, visando aclarar e expor compreensões diante das diferentes formas de associação humana e suas estruturas. Intencionamos compreender como uma vida comunitária se constitui sem que a singularidade da pessoa, que expressa a dimensão de sua subjetividade, seja diluída na coletividade. Para compreender essa singularidade aprofundamos uma discussão sobre a estrutura da pessoa humana, expondo que a intersubjetividade se mostra nas raízes do coletivo do *eu* com o *outro*.

Palavras-chave: Constituição da comunidade; Estrutura da pessoa; Eu; Outro.

Abstract

In this study we searched for a bill presented by Edith Stein in his work: *Psychology and Scienze dello Spirito*. We go through the phenomenological investigatory path exposed by the author, aiming to expand and expose the perspectives before the different forms of human association and its structures. It was intended as a person who expresses himself directly, without the individual's singularity, which expresses a dimension of his subjectivity, being diluted in the collective. To understand the uniqueness of a discussion about the structure of the human person, expose an intersubjectivity is shown at the roots of the collective self with the other.

Keywords: Constitution of the community; Structure of the person; I; Other.

Introdução

Neste artigo focamos a concepção de comunidade como é apresentada por Edith Stein de modo particular em sua obra *Psicologia e Scienze dello Spirito* (1996), por que esse tema abrange tanto a constituição da pessoa, quanto a da esfera intersubjetiva, ao se compreender a pessoa não apenas individualmente, mas sendo com as outras pessoas.

Tomamos essa obra para estudo e base deste texto por apresentar uma discussão realizada pela autora sobre a estrutura da pessoa. Ela afirma que, ao estudar e compreender essa questão, então se pode indagar sobre a existência de uma estrutura geral do ser humano. Segundo Edith Stein, enquanto seres humanos, estruturalmente somos iguais. Ressalta, entretanto, que essas estruturas são ativadas de forma singular e individual em cada pessoa.

Ao adentrar pelo caminho investigativo da pessoa e das suas diferentes formas de associação ao *estar-com-o-outro* no mundo-vida, evidencia que esse movimento se constitui nos modos de proceder e de entrelaçar momentos da vida envolvendo-a em diferentes comunidades. Focando o entendimento dessa relação sente a necessidade de ir em direção ao aprofundamento de explicitações antropológicas sobre o fenômeno *pessoa*. Com esse estudo, fazendo um movimento de maior aprofundamento ainda, enfatiza a importância de dois aspectos da vida cotidiana da pessoa: a *individualidade* e a *coletividade*. Estuda a singularidade da pessoa expressa também na dimensão de sua subjetividade e a intersubjetividade, que está nas raízes do coletivo.

Stein¹ expõe que a comunidade é constituída por pessoas que convivem em um espaço em que umas estão com as outras, vendo-se e assumindo-se como iguais e realizando um movimento de expressar as vivências revelando as compreensões de mundo e as comunicando, possibilitando compreensões em comum. Essas compreensões vão se entrelaçando e amalgamando em valores e práticas compreendidas e assumidas por elas, agora entendidas como um conjunto, constituindo comunidade e nela encontrando uma esfera que as transcende.

Ao expor esse movimento, Stein² foca a compreensão da pessoa humana, debruçando-se sobre os estudos de seu mestre, Husserl. Conforme essa autora, o ser humano é capaz de conhecer a si mesmo e também as coisas que estão em seu externo, no mundo circunvizinhante. Afirma que as *coisas*, objetos inanimados e seres vivos, como os animais, excetuados os seres humanos, não são capazes de conhecer a si mesmos. Ao diferenciar-se dos animais e das coisas, os seres humanos podem realizar uma análise profunda e entender a si mesmos e também as *coisas*.

¹ Cf. STEIN, 1996.

² Cf. STEIN, 1996; 1999; 2000.

De acordo com Stein³ ao se posicionar de modo investigativo sobre si mesmo, o ser humano se apresenta como fenômeno a ser interrogado, podendo dizer: eu sou um ser humano e sou o fenômeno de minha investigação; ele consegue olhar para dentro de si, percorrendo um caminho investigativo.

Entretanto, se nos indagarmos: por onde se deve começar esse caminho investigativo de si mesmo, o pensamento husserliano explicita que devemos nos atentar para as nossas próprias vivências, isto é, *devemos iniciar nossa reflexão pelas vivências das quais estamos côncios [...] de nós mesmos*” como “*nos damos conta de estar vivendo algo* (ALES BELLO, 2015, p. 27).

Aclarando essa questão, podemos exemplificar fazendo um relato de nossas histórias individuais, começando desde as primeiras lembranças, ainda como uma criança e, sucessivamente, passando pela adolescência e chegando à fase adulta. Procedendo desse modo, exporíamos uma série de experiências vivenciadas que nos ajudariam a entender a nós mesmos.

Uma vez expostas essas vivências, podemos nos indagar sobre suas estruturas e, também, se essa experiência individual é exclusiva de um único indivíduo; ou, ainda, quando estamos com outros, perguntar como devemos nos comportar diante de experiências similares. Segundo a filosofia husserliana, devemos procurar esses pontos comuns nas experiências similares do *eu* e do *outro*, pois se não tivéssemos essas experiências, não nos seria possível compreender o outro. Nessa abordagem, é entendido que, quando um sujeito relata sua história de vida, se o outro não pudesse vivenciar experiências similares às dele não haveria possibilidade de um entendimento.

Esse entendimento está presente na concepção fenomenológica husserliana; diz de os indivíduos viverem uns com os outros em comunidade. Enfatiza que o ser humano não é um ser isolado no mundo, mas que vive com os outros.

É no bojo dessas questões e elucidações que a *pessoa* se destaca como um fenômeno a ser focado, uma vez que sua formação se dá nesse seu estar com o outro, agindo no coletivo e junto às demais pessoas sem que sua singularidade se dissipe. Para explicitar o jogo pessoa e comunidade - subjetividade e coletividade -, seguiremos o caminho percorrido por Stein, iniciando pelo seu estudo a respeito da estrutura da pessoa.

³ Cf. STEIN, 1996.

1.1. O eu e o outro: a ação entropática

Stein expõe que de início a percepção do outro é empírica. Porém, para compreendê-la é preciso efetuar uma *epochè* da atitude natural e realizar uma redução a tudo que cria obstáculo, abrindo caminho para que nós, enquanto seres humanos possamos nos dar conta de nossas vivências, no âmbito de nossa própria interioridade. É um movimento de escavar nossos sentimentos e emoções para compreender suas origens. A autora afirma que nesse movimento, permanecendo-nos atentos, podemos regredir às operações construtivas que estão na base dos procedimentos do pensamento e de expressões culturais.

Pode-se indagar se, ao realizar uma investigação nessa modalidade: a pessoa não ficaria refém da absolutização do eu. Entretanto isso não se dá, uma vez que ao realizar a redução constatamos encontrar-mo-nos circundados pelos outros semelhantes a nós, que nos compreendem e que compreendemos. As vivências próprias ao *eu* permanecem como seu resíduo, constituindo, paulatinamente, um primado egológico. No movimento de constituição da pessoa, de modo súbito, o eu se dá conta do outro, emergindo o nós, constituindo, junto com as expressões da compreensão, a intersubjetividade.

Como as pessoas dão conta de suas vivências? A consciência do eu individual e o ato da reflexão fazem vir à tona a presença das vivências, ou seja, dos atos que são vivenciados por todos os eus, dentre os quais Husserl⁴, cita como os mais importantes: a percepção, a lembrança e a entropatia.

Afirma que a percepção é a ação mais significativa por nos colocar em contato imediato, isto é, sem conceitos intermediários, com o mundo, com as coisas e com os outros vistos em sua corporeidade. Para ele, é desse modo que nos damos conta dos outros, pois os vemos como semelhantes na forma e na carnalidade do corpo vivente.

A constatação da semelhança do corpo do outro ao meu próprio é proveniente de um ato diferente da percepção, entendido por Husserl como entropatia. Esta solicita uma percepção, mas não se limita a ela. Enlaça a recordação da lembrança da vivência já ocorrida, porém, também não se limita a esse ato. A lembrança/recordação tem em comum com a entropatia o trazer a presença, tornar presente, ou seja, a presentificação.

Quando percebemos o outro como semelhante a nós, intuímos, apreendemos, portanto *entropatizamos* com o que o outro está vivenciando. Damo-nos conta de que o outro está

⁴ Cf. Husserl, 2002.

vivenciando uma emoção sentida no seu corpo-vivente. Porém, ao perceber seu sentimento, ainda que eu também o sinta em meu próprio corpo, não estou vivenciando o sentimento dele, como ele o vivencia, mas vivencio esse sentimento como um modo de com ele estar e sentir junto. Em mim é originário apenas o ato entropático.

A ação entropática é origem da possibilidade de comunicação que, junto com a linguagem, constitui o núcleo da intersubjetividade. Segundo Bicudo a intersubjetividade

[...] não é uma soma de subjetividades que forma uma comunidade. É constituída por atos de empatia e na dimensão da comunicação efetuada no corpo-encarnado e explicitada de maneira mais organizada, refletindo o logos e a estrutura linguística na linguagem (BICUDO, 2010, p. 35).

A análise fenomenológica da entropatia evidencia que em uma primeira instância percebe-se a corporeidade própria e a do outro. Vivenciar o corpo-próprio coloca a pessoa em sintonia com o mundo exterior. Nesse movimento, também percebe o que está em sua circunvizinhança no mundo-vida.

De acordo com Ales Bello, pela entropatia

[...] entramos no terreno de atos de consciência através da percepção, distinguindo os vários atos, os atos de qualidade diversa. Se apreendo imediatamente que pessoa é diferente de cadeira, então há um ato que me permite isso (ALES BELLO, 2006, p.72).

Nesse modo de ver e estar com o outro, damos conta da existência de outros indivíduos como semelhantes a nós, estando com estes no mundo-vida, reforçando a compreensão de que vivemos sempre com outras pessoas e não somos seres isolados no mundo.

A entropatia é primado dessa distinção e traz a possibilidade de compreender o outro como corpo animado, vivente, que apresenta vida psíquica por tomar posição espontânea, por se emocionar. Dessa maneira, os três momentos constitutivos do ser humano são cultivados na e pela entropatia, possibilitando a abertura da percepção do outro como igual. Stein (1996) explicita que entropatia está presente em seres dotados de atos psíquicos, e se dá na corporeidade. Pode se dar também em/com animais.

1.2. Constituição da comunidade: o eu e o outro em uma vida comunitária

Ales Bello enfatiza que *cada eu individual vive como pessoa e como comunidade [...] nós não somos absorvidos pela comunidade, pois permanecemos sempre como eu pessoal*

(ALES BELLO, 2015, p.88), isto é, vivemos de modo individual aquilo que é partilhado na vida comunitária como, por exemplo, com intensidades específicas de emoção, com modos afetivos de nos aproximarmos dos outros, com modos práticos de enfrentar lidas cotidianas.

Entretanto, dadas as singularidades das pessoas, podemos indagar: como elas se organizam? Quais as possibilidades de associações? Como vivem ou trabalham umas com as outras? Como apontado por Ales Bello⁵ o aspecto mais importante do viver junto com o outro é a *comunidade*.

No núcleo da constituição da comunidade estão presentes o outro, que nos é dado como *eu* e, também, a própria pessoa, avançando para a constituição da intersubjetividade. Como afirmado acima, a ação entropática é a origem da possibilidade de comunicação que, junto com a linguagem, constitui o núcleo da intersubjetividade

A intersubjetividade não é uma soma de subjetividades que forma uma comunidade. É constituída por atos de empatia e na dimensão da comunicação efetuada no corpo-encarnado e explicitada de maneira mais organizada, refletindo o logos e a estrutura linguística na linguagem (BICUDO, 2010, p.35).

Dada a intersubjetividade, constituída pela entropatia e pela linguagem, a constituição da comunidade vai se expondo, evidenciando a abertura para se compreender a realização da singularidade humana sempre constituída junto aos outros, donde se compreende que a singularidade da pessoa e a vida por ela vivida em solidão completa é uma abstração. A comunidade humana, com suas características muito diferenciáveis, se delineia como uma visão de mundo, anunciada por Husserl pela palavra *weltanschauungen*. Essas diferenças expressam a criatividade humana. Essa visão não é passível de ser ignorada, mas reconduz a algumas estruturas fundamentais que permitem o diálogo e a comunicação. A comunidade é uma forma associativa determinante para estabelecer conexão intersubjetiva.

A organização da vida comunitária é uma complexidade que solicita a presença da individualidade e do coletivo, entendidos como dois aspectos do modo de vida da pessoa. Assim, um grupo não é constituído apenas pela união de diferentes pessoas. Visando transcender afirmações comuns e amplamente repetidas, tanto em trabalhos acadêmicos como pelas pessoas do mundo não acadêmico, em uma generalidade vazia de compreensões mais detalhadas e articuladas, vamos nos deter nos modos pelos quais se dão as formas de organização da pessoa humana com seus semelhantes em grupo ou comunidade.

⁵ Cf. Ales Bello, 2015.

Stein⁶ destaca, ao descrever e analisar a vida cotidiana da pessoa, a individualidade e o coletivo. O ponto primeiro de ligação entre ambos é o ato da entropatia.

Desde nosso nascimento vivemos em um contexto social e assim se dá por toda nossa vida, sempre estando em ambientes interpessoais que apresentam diversas formas de organização. Cada uma dessas formas organizacionais nos remete a compreensões da posição de cada pessoa no contexto associativo, em que a dimensão interpessoal é tão importante que toda a nossa educação depende da interpessoalidade estabelecida uns com os outros ao estarmos inseridos em contextos associativos específicos. É no interior dessas organizações que podemos buscar compreender as possibilidades de ações a serem realizadas pelos seus membros, tomados em sua individualidade.

1.3. A estrutura da pessoa: o corpo, a psique e o espírito

Segundo Edith Stein⁷, o termo *pessoa* deriva da teologia medieval ocidental, se referindo à pessoa divina, isto é, a Deus, e também se deriva da conexão do ser humano com Deus. Nessa concepção, o ser humano se caracteriza como uma representação do divino. Stein expõe sua compreensão das características dos seres humanos e salienta, primeiramente, que a pessoa é compreendida como um eu consciente e livre, pois os atos livres são responsáveis por determinar sua própria vida. Desse modo, considera a pessoa humana como uma realidade única, isto é, unidade de corpo vivente e alma. Destaca, ainda, que por se caracterizar como pessoa, o ser humano se distingue de todos os outros seres vivos, em que, ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual.

Segundo a filósofa o material de que dispomos para iniciar uma investigação acerca do ser humano é o que se tem diante de nossos olhos e o que percebemos em nossas vivências. Se ficarmos atentos à nossa vida cotidiana, ao nos encontramos com outros seres humanos, estamos sendo atraídos primeiramente por suas exterioridades: os aspectos físicos, como o modo de falar, de andar, de olhar etc., que nos revelam nossa similitude a esses outros indivíduos. Destaca, porém, que o ser humano não é somente um corpo próprio material, mas também se define como um corpo vivente; mais ainda, afirma que esse ser humano não é apenas vivente, mas também um ser consciente. De modo que entre os seres vivos, nós, seres humanos, possuímos as faculdades de querer, de pensar e de avaliar, que ela concebe como

⁶ Cf. Stein, 2000.

⁷ Cf. Stein, 2000.

sendo a faculdade espiritual. Esta se manifesta em sua individualidade na posição social, como ser comunitário, histórico e cultural.

Este ser comunitário, em tudo que vivencia em sua vida, realiza uma experiência de si mesmo e quando apresenta uma abertura para experimentar o que se encontra em seu externo e também interno, acaba por conhecer a si mesmo como um eu corpo-vivo-espiritual que pode conter em si um mundo. Desse modo, pelas vivências da consciência podemos conhecer a estrutura do indivíduo.

Entretanto, ressaltamos que tendo em vista a complexidade da estrutura humana, e sabendo que a mesma possui diferentes teorias expostas em diversos estudos, não vamos realizar uma análise de cada um desses diferentes discursos, mas focamos nossa compreensão acerca da discussão proposta por Stein sobre a estrutura da pessoa humana que nucleia entrelaçadamente corpo, psique e espírito.

Husserl, assim como Stein, interroga o ser humano, olhando de todos os pontos de vista. Nessa busca, partem do corpo como uma coisa material – *Körper* e também o olham como corpo vivente – *Leib*. O corpo-vivente expressa a vontade do agente, expressando também a vida psíquica e espiritual, lugar de manifestação da alma. Segundo Ales Bello

[...] a organização da alma entelequial é quádrupla: corpórea, corpórea-psíquica, afetiva e espiritual. No que se refere ao ser humano, trata-se de cinco princípios fundamentais agrupados de tal forma que a parte que se chama alma por sua vez é diferenciada em dois âmbitos sucessivos, o afetivo e o espiritual, e no que se refere ao corpo, descobre-se junto com a corporeidade uma alma corpórea que podemos definir psíquica. A alma entelequial, enquanto princípio fundamental, dito também enteléquia essencial, é como o artífice de todo o organismo vivo, uma espécie de logos ou projeto da espécie. Ele constrói para si o seu corpo e se encarna nele (ALES BELLO, 2000, p. 133-134).

Segundo Stein, o termo *pessoa humana* é também considerado como sendo o âmago da reflexão e da obra fenomenológica e, por isso, o próprio Husserl sempre aprofunda, durante toda sua vida, as investigações sobre esse tema, de modo constante e analítico.

Segundo Stein (1996) a estrutura da pessoa humana é constituída por um entrelaçamento entre *corpo*, *psique* e *espírito*; essa estrutura é expressa pela palavra alemã *Geisten*. Corpo, psique e espírito se manifestam pelas vivências humanas, ou seja, não estão armazenadas em algum local fora do ser humano. A interpretação fenomenológica sobre o corpo vivente não se caracteriza como materialista, e sim, como uma leitura que leva em consideração o *espírito*, pois, como salientado nas obras husserliana, é inegável que todos os seres humanos vivenciam experiências. Esta afirmação é importante, pois expressa que o ser



V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede

humano não é entendido com um ser redutivo, ou seja, como uma estrutura composta apenas pelo corpo ou pelo par corpo e psique; enfatiza a existência do espírito, distinguindo-o da psique.

Esta repartição exposta na concepção da estrutura do ser humano não é exclusividade dos estudos fenomenológicos. Segundo Ales Bello (2015) existem teorias materialistas que afirmam a existência apenas da alma e do corpo. Essa concepção também está presente em autores Cristãos, como São Paulo e Santo Agostino que expressam a tripla repartição da estrutura do ser humano, constituída pelo corpo, alma e espírito, porém não explicitam esse entendimento mediante estudos das vivências.

A análise da vivência se caracteriza de suma importância para uma investigação de cunho fenomenológico, porém temos que ficar atentos às especificidades de objetos inanimados, de animais e de plantas em relação a uma pessoa humana. Como apresentado na teoria husserliana, só podemos efetuar uma análise das vivências em seres que possuem a capacidade experiencial e dela podem dizer. Aclarando a comparação entre os seres humanos e os animais e os objetos inanimados, por exemplo, entendemos que os animais possuem uma vivência corpórea e psíquica, porém não percebemos neles a capacidade reflexiva, como percebemos no ser humano, motivo pelo qual afirmamos ser apenas o humano possui essa capacidade.

Ao realizarmos a análise das vivências é preciso que fiquemos atentos à sua especificidade ao contrapormos objetos inanimados, animais e plantas em relação à pessoa humana. Conforme compreendemos estudando Husserl (2006), só podemos efetuar uma análise das vivências para os seres que possuem a capacidade experiencial, ou seja, de dar-se conta de sua experiência vivenciada e expressá-la. Esses autores admitem que na análise das vivências podemos constatar a existência de um movimento de universalidade e também de particularidades em comum. Compartilhamos com o outro aquilo que é comum, e vivenciamos individualmente nossa singularidade.

Esta singularidade das experiências vivenciadas pela pessoa humana é compreendida na teoria husserliana e expressada por Stein, no sentido que, quando uma pessoa afirma: eu vivo, isto é, que é possuidora de vivências, se entende o conceito da estrutura da pessoa composta pelo corpo, alma e espírito. Notemos que as nossas experiências de vida podem ser alteradas, nossos corpos podem ser alterados, até mesmo nossas atitudes podem ser alteradas,

mas permanecemos sempre sendo a mesma pessoa, o *eu* vivo que vivencia experiências de modo singular. Esse núcleo, de acordo com Stein (1999) é *identitário* de cada pessoa.

Segundo Stein este núcleo é definido como a parte mais profunda da alma, ou ainda, como a alma da alma. Esse núcleo, segundo sua interpretação, é ligado à tradição da filosofia Cristã; nos é dado no momento em que somos criados; no momento da criação. Para ela, o núcleo é uma característica particular de cada ser humano, é o elemento que nos caracteriza, como se tivéssemos um código secreto particular dentro de nós e que remete suas indicações a toda nossa estrutura humana, ou seja, ao corpo à alma e à psique.

1.4. O eu individual

Como exposto, cada pessoa constituinte de uma organização estruturada pelo entrelaçamento *corpo, psique e espírito*. Cada pessoa é um corpo vivo encarnado que *animado pela psique*, em que corpóreo-psíquico, junto com o espírito constituem uma totalidade. A dimensão psíquica nos direciona a efetuar atividades coletivas movidos por impulsos psíquicos. Estes são atos não controlados por nós. Eles se dão em uma situação em que nos expressamos de modos diferentes ao sermos afetados por ocorrências a nós alheias. É o caso, por exemplo, de estarmos atentos a um concerto musical e haver uma pane elétrica que, concomitantemente, corta a claridade, deixando-nos na escuridão e, ao mesmo tempo, provoca um forte barulho. Há uma ruptura brusca no envolvimento com a sonoridade da música, e o ambiente em que se está se modifica abruptamente. Cada pessoa pode sentir e se comportar de modo diferente: com medo, com horror, com pânico, com tranquilidade.

Tomemos o exemplo de as pessoas se movimentarem movidas pelo pânico, querendo se retirar do recinto o mais rapidamente possível. As pessoas agem sem controle, podendo umas pisarem nas outras, caírem, serem feridas. Não há uma organização desse movimento. Elas se comportam como uma *massa*. A característica da massa é de pessoas estarem juntas sem uma forma própria definida.

No exemplo supracitado, em que as pessoas movidas pelo pânico buscam a esmo sua saída do recinto, entretanto, pode(m) existir entre elas, alguém ou algumas pessoas que buscam acalmar os demais e pensar em possibilidades de sair dali de maneira mais segura e rápida. Estas pessoas estariam apresentando *um controle que é de natureza espiritual* (ALES BELLO, 2006, p. 71). Essa é uma liderança que nasce no interior dessa associação de pessoas

que estavam reunidas para assistir ao concerto. O interesse pela ação – sair de modo seguro e rápido do recinto – é de todas as pessoas que ali se encontram.

Há, entretanto, no modo de vida cotidiano, associação de pessoas que são organizadas por interesses de outra - ou de grupos - que esteja fora dessa associação. Assim, uma ideia que exprima uma posição ou modo de atender às necessidades do grupo é trazida de fora e estimulada a ser aceita. Esse é o caso em que campanhas publicitárias, por exemplo, ou mesmo de posições político-partidárias, são introjetadas no interior de associações de pessoas, reunindo-as em torno dessas propostas. Nesse caso, está se formando uma associação de pessoas *sem uma forma especificamente própria* (ALES BELLO, 2006, p. 76).

De acordo com o modo de pensar husserliano e aprofundado por Stein, a organização que respeita a liberdade da pessoa humana é a comunidade, caracterizada pelo modo de agir de seus membros ao assumirem responsabilidades recíprocas. Entendemos, assim, que, em uma comunidade, cada membro considera sua liberdade e também a do outro, e, ao assumir essa postura, se constitui um projeto comum que sustenta o coletivo. Esse projeto conjunto se caracteriza como bom e útil para o todo, isto é, para a comunidade, mas também para cada membro individualmente que constitui esse todo.

O vínculo pessoal presente em uma comunidade é também caracterizado como uma ligação moral, sustentada pela postura de responsabilidade, no bojo da qual está presente a atitude de solidariedade. Essa atitude requer a presença igualitária de seus membros, ainda que exista, entre estes, um que se destaque em relação aos outros, estando no fluxo comunitário a ponto de promovê-lo como líder.

Entendemos que a comunidade é sustentada por todos os seus membros constituintes. Indo além, esta sustentação é denominada por Stein como sendo seu núcleo.

O núcleo de uma comunidade da qual emerge sua característica e que garante a sua duração, é o sustentador da vida comunitária, e, portanto, do seu modo de ser pessoal específico, enquanto, na medida em que os seus membros se dedicam à comunidade (STEIN, 1996, p. 297).

Quanto maior for a composição dos membros dessa comunidade, havendo cada vez mais membros agindo de maneira dedicada a ela, maior *será sua consistência e mais confiável será seu modo de se apresentar externamente* (ALES BELLO, 2015, p. 100) a outros. Assim, segundo Ales Bello (2015), quando expressamos que uma determinada comunidade nos transmite confiança, também estamos dizendo que sua constituição é sólida e que há um

número suficiente de membros sustentadores, que se caracterizam como sendo seu núcleo. Não é suficiente que a comunidade possua um líder forte, que certamente contribui para que a comunidade tenha seus traços, porém, *se a alma que dá consistência ao todo for apenas esse guia a comunidade se fragmentará* (ALES BELLO, 2015, p. 101). Essa autora enfatiza, ainda, que o núcleo da comunidade não está ligado a uma pessoa específica, como, por exemplo, o chefe ou o líder, mas sim em todos os seus membros sustentadores.

Outra possibilidade de agrupamento de pessoas é *a sociedade*, cujo objetivo é a realização de projetos específicos. É importante notar que uma associação caracterizada como uma sociedade pode se tornar uma comunidade, se seu núcleo sustentador, isto é, seus membros, estabelecerem vínculos psíquicos e espirituais.

As características da sociedade expostas por Ales Bello ressaltam que as formas comunitárias podem e devem contribuir para o desenvolvimento singular de cada membro. Sendo assim, para alcançar esse desenvolvimento no viver em comunidade, o indivíduo não desenvolve apenas seus interesses particulares; porém, deve viver com o outro, ou seja, conviver com outros indivíduos em uma comunidade.

Segundo Ales Bello, a comunidade do povo encontra-se na base da comunidade do Estado. Enfatiza que são *duas possibilidades interessantes, pois mostram que em grandes organizações sociais podem haver comunidade, vínculos espirituais entre seus membros, além de vínculos corporais, étnicos* (ALES BELLO, 2006, p. 77). A autora também enfatiza que existe a possibilidade de o indivíduo pertencer a várias comunidades simultaneamente, mesmo que estas sejam distintas entre si e exemplifica citando o caso de Edith Stein que, mesmo pertencendo à comunidade judaica, depois de se converter ao cristianismo na forma do catolicismo, expressava que continuava fazendo parte da comunidade judaica, contemporaneamente à comunidade cristã.

Existem grupos que apresentam um vínculo étnico-corporal menor que outros. Nessa perspectiva, Ales Bello salienta que

[...] se o povo se fundamentasse somente no vínculo étnico, alguns povos não poderiam existir [...] pois, o povo possui um fundamento também espiritual, isto é, um reconhecimento e aceitação da alteridade, do diferente dentro do mesmo território (ALES BELLO, 2006, p. 78).

Novamente tomemos o exemplo do povo judeu, que se constitui como povo, sem possuir um território comum para que seus membros vivam juntos. Ales Bello ressalta que o



V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede

exemplo do povo judeu *mostra que o fundamental é sentir-se uma comunidade de povo caracterizada, sobretudo, por uma atitude espiritual* (ALES BELLO, 2006, p. 79).

Os povos, segundo essa autora, sempre se organizaram de maneira política, constituindo com isso, formas de organizações políticas denominadas de *Estado*. Este *prevê uma impessoalidade das leis, o que quer dizer que elas valem para todos os membros, independente do grupo étnico ou da comunidade a que pertençam* (ALES BELLO, 2006, p. 80). Estas leis permitem que os membros tenham igualdade de direitos entre si. Assim, as leis fundadas em um Estado podem estar ligadas a um povo, mas também podem valer como uma organização para diferentes povos que vivem juntos, de modo que o Estado vai além do povo, está acima dos vários povos e cumpre zelar por todo. Entretanto, o Estado só se manterá enquanto a comunidade de povo que o constitui se mantiver unida, aceitando sua unidade política.

Finalizando nossa compreensão

Nossos estudos acima apresentados evidenciam a existência do conceito de comunidade em diferentes níveis, sendo que *o elemento que a caracteriza é sempre o da unidade espiritual, cultural e da vontade coletiva. Comunidade não é o mesmo que vários indivíduos que se colocam juntos* (ALES BELLO, 2006, p. 81).

Entendemos ser a ideia de comunidade como apresentada por Stein importante para que se compreendam as diferentes modalidades de associações humanas. Como primado para a constituição da comunidade tem-se a entropatia que, junto com a linguagem, constitui a intersubjetividade. Ambas as ações – entropáticas e da expressão do compreendido pela linguagem – se amalgamam às características espirituais da pessoa que sustentam a possibilidade da liberdade e a intenção coletiva de realizar algo, que toma a forma de um projeto, constituindo a comunidade. Destacamos, assim, que no núcleo da ideia de comunidade se encontram a liberdade, a solidariedade e o respeito.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução de Ir. J. T. Garcia e M. Mahfoud. Bauru: ed. Edusc, 2006.



V Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Foz do Iguaçu, 30 e 31 de Maio e 1 de Junho de 2018

Pesquisa Qualitativa na
Educação e nas Ciências em Debate

Do SIPEQ a sócio da SE&PQ:
torne-se um pesquisador em rede

BICUDO, M. A. V. **Pessoa e Comunidade**. Comentário: Psicologia e Ciência do Espírito de Edith Stein. Tradução de M. Mahfoud e Ir. J. T. Garcia. Belo Horizonte: ed. Artesã, 2015.

_____. **Filosofia da Educação Matemática segundo uma perspectiva Fenomenológica**. In: _____. (Org.) Filosofia da Educação Matemática Fenomenologia, Concepções, Possibilidades Didático-Pedagógicas. São Paulo: ed. UNESP, 2010. p. 23-49.

HUSSERL, E. **Cartesia Meditations: An Introduction to Phenomenology**. Tradução Dorian Cairns. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.

_____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução de M. Suzuki. Aparecida: ed. Ideias & Letras, 2006.

PEZZELLA, A. M. **L'antropologia filosófica di Edith Stein**. Roma: ed. Città Nuova, 2003.

STEIN, E. **Psicologia e scienze dello spirito**. Contributi per una fondazione filosofica. Roma: ed. Città Nuova, 1996.

_____. **Essere finito e Essere Eterno**. Per una elevazione dell'essere. Roma: ed. Città Nova, 1999.

_____. **La struttura della persona umana**. Roma: ed. Città Nuova, 2000.